

REDES SOCIAIS

Perigo silencioso nos desafios da internet

Supostas brincadeiras on-line transformam curiosidade em tragédia para crianças e adolescentes. Pais buscam estratégias para proteger os filhos em um ambiente digital que premia o absurdo. Especialista cobra mais vigilância

» CARLOS SILVA
» ARTHUR DE SOUZA

Uma tela na palma da mão. Um clique. Uma visualização em um conteúdo inapropriado. Muitas vezes, esses são os elementos que transformam brincadeiras que começam como curiosidade em tragédia. Os desafios perigosos presentes nas redes sociais têm deixado famílias em estado de alerta — e escancarado o risco que crianças e adolescentes correm todos os dias, dentro de casa, quando estão conectados à internet sem supervisão dos responsáveis.

Desafios com incentivo à inalação de aerossóis, o sufocamento, a automutilação, o consumo de substâncias tóxicas ou ações arriscadas em nome de curtidas e visualizações se espalham entre os jovens como uma corrente silenciosa. Em muitos casos, a brincadeira viral começa sem que os pais sequer saibam. E, às vezes, não dá tempo de intervir.

Na tragédia mais recente ocorrida no Distrito Federal, a última vítima foi uma menina de 8 anos: Sarah Raíssa Pereira teria participado do chamado “desafio do desodorante” — e morreu, em abril, após inalar o produto. O episódio, investigado pela Polícia Civil (PCDF), é só um de uma série de casos envolvendo práticas absurdas, mas infelizmente comuns na lógica de engajamento das redes sociais.

Medo e proteção

Entre pais e crianças moradoras da capital federal, o cenário traz medo e também incertezas. Os pequenos tentam navegar em meio a um mar de informações digitais. Enquanto isso, os adultos buscam estratégias para proteger os filhos sem restringi-los excessivamente.

Wesley Francisco, tatuador de 37 anos e morador de Sobradinho, acompanha de perto o que a filha, Raquel Felícia, 11, acessa na internet. A menina tem suas preferências na hora do lazer. “Gosto de jogar no celular. Acho mais divertido”, conta. Entretanto, o pai impõe algumas restrições quanto ao uso de redes.

Na visão dele, influenciadores digitais têm grande parcela de responsabilidade na atenuação dos perigos relacionados ao ambiente digital acessado por crianças. “Quem posta certos conteúdos deveria ser responsabilizado. A criança, obviamente, não tem noção do perigo”, afirma. Francisco ainda ressalta que, além da proibição, é essencial a proximidade: “Se você é amigo do seu filho, vai naturalmente saber o que está acontecendo”.

Moradora de Samambaia, a autônoma Maria Silva, 41, expressa a mesma preocupação. Mãe de três filhos, ela mantém postura rígida quanto ao acesso dos jovens à internet. “Se não souber acessar com cuidado, é muito perigoso, principalmente pela quantidade e variedade dos conteúdos”, avalia. Maria relembra desafios que circularam nas redes, como o da Baleia Azul, associado a riscos de mutilações. “Na época, meus filhos ficaram com muito medo”, relembra.

Raquel Freitas, 15, filha de Maria, não



Chio Gomez/EB/DA Press

Dicas para os pais

- Estabeleça um canal de diálogo e confiança: de forma leve e convidativa, crie momentos para conversar sobre o uso da internet, perguntando o que seu filho tem visto e compartilhado nas redes sociais. Conte histórias ou use exemplos fictícios de desafios perigosos, mostrando que, às vezes, algo que “parece brincadeira” pode ter graves consequências. Dessa forma, a criança sente que pode falar abertamente caso encontre algo suspeito ou que gere dúvidas;
- Incentive a postura crítica e o senso de responsabilidade: explique que nem tudo que aparece na internet é

confiável ou seguro. Mostre, de forma lúdica (por exemplo, com jogos de “verdade ou mentira”), como verificar se uma informação ou “desafio” é real e seguro. Assim, a criança aprende que tem papel ativo na própria proteção, reconhecendo possíveis riscos e sabendo se recusar a participar de conteúdos nocivos;

- Utilize ferramentas e limites de navegação: aproveite recursos de controle parental em celulares, computadores e videogames, ajustando filtros de busca e restringindo o acesso a determinados aplicativos ou conteúdos. Combine regras claras de

uso das redes (como horários e prazos de utilização), tornando a internet um espaço mais seguro;

- Monitore e denuncie comportamentos suspeitos: fique atento aos sinais de alerta (mudança de humor, fala sobre desafios perigosos, curiosidade excessiva sobre produtos químicos etc.). Caso identifique vídeos, páginas ou perfis que incentivem comportamentos arriscados, denuncie-os às plataformas e às autoridades competentes. É importante guardar evidências (prints, links) e buscar orientação legal, sempre visando proteger a criança e responsabilizar quem propaga conteúdo perigoso.

possui aparelho celular próprio. A ausência do dispositivo, segundo ela, é escolha da mãe, baseada em critérios de segurança. “Minha mãe acha mais seguro. Acostumei com o tempo e hoje sinto pouca falta”, conta. Para Maria, a chave está na supervisão ativa e na responsabilidade dos pais. Não dá pra largar o smartphone na mão deles e pensar estar tudo certo’.

Pressão

Por trás desse panorama está uma cultura digital que, por vezes, premia o absurdo. Quanto mais chocante o vídeo, maior a veiculação. Quanto mais extremo o desafio, mais ele atrai — especialmente jovens em fase de desenvolvimento emocional e sem maturidade para identificar ameaças ou resistir à

pressão do grupo.

Professora de psicologia do Centro Universitário de Brasília (Ceub), Izabela Melo destaca que essa combinação é perigosa, pois ocorre num momento sensível que marca a infância e a adolescência. “Crianças e adolescentes estão em processo de formação da identidade, da moralidade, da visão de mundo. E, hoje, boa parte dessas experiências passa pelas redes sociais”, afirma.

O contato virtual entre pares — pessoas da mesma faixa etária ou com interesses parecidos — pode até parecer inofensivo, mas traz consigo perigos graves. “Muitas vezes, ao aceitar participar de desafios perigosos, o jovem está tentando garantir um lugar naquele grupo, evitar a exclusão. O peso desse fator é enorme nessa fase da

vida”, explica. “É preciso criar condições para que os pais estejam presentes”, acrescenta.

Na avaliação do advogado criminalista e do professor de direito Alexandre Carvalho, o Brasil enfrenta um vácuo legislativo no que diz respeito à regulamentação eficaz das redes sociais, especialmente diante dos desafios perigosos que afetam as crianças. “Hoje, não há uma lei específica que responsabilize essas plataformas de forma direta, e os legisladores precisam agir, por meio de projetos ou mesmo de medidas provisórias (contra essas plataformas)”, explica. Segundo ele, criminalmente, as empresas não podem ser punidas, mas há possibilidade de responsabilização civil. Se for identificada quem criou ou divulgou o desafio, essa pessoa física pode

responder por incitação ao suicídio. “Falta um caso emblemático solucionado para frear essa onda trágica”, conclui.

A Advocacia-Geral da União pediu ao Supremo Tribunal Federal (STF) medidas imediatas contra a violência digital em redes sociais.

A AGU identificou diversos crimes e fraudes praticados por usuários das plataformas, além da divulgação de vídeos que promovem desafios, como o do desodorante.

De acordo com a instituição, a omissão dessas plataformas em remover e fiscalizar esses conteúdos, causa “graves riscos à integridade das políticas públicas; à segurança digital da população, em especial idosos, crianças e adolescentes; e ao Estado Democrático de Direito”.

Artigo

Quando o celular pode matar

Os desafios na internet têm se tornado uma preocupação crescente entre pais e especialistas, pois muitas dessas tendências podem representar riscos sérios para crianças e adolescentes. O assunto gera polêmica, visto que a geração atual

de pais não viveu esse boom tecnológico e não sabe como manejar a situação.

Nos últimos meses, temos nos deparado com algumas situações que saem da rotina habitual de cuidado com crianças e adolescentes: os chamados “desafios da internet”. Esses desafios são promovidos em redes sociais e incentivam comportamentos perigosos, como sufocamento, ingestão de substâncias tóxicas ou até mesmo autoagressão.

Um dos principais problemas é que crianças e adolescentes, em busca de aceitação social ou popularidade, podem se sentir pressionados a participar desses desafios sem avaliar os riscos envolvidos. Além disso, a falta de supervisão adequada e o acesso irrestrito à internet aumentam a exposição a conteúdos potencialmente prejudiciais.

Casos de crianças que sofreram

ferimentos graves ou até perderam a vida ao tentar imitar desafios virais já foram registrados em diversos países, e tem aumentado cada dia mais, inclusive no Brasil. A melhor forma de prevenção é o diálogo aberto entre pais e filhos, além da imposição de limites ao acesso à internet ou mesmo o uso de ferramentas online para este fim.

O primeiro passo é a conscientização sobre os perigos do acesso irrestrito à

internet. É importante que os responsáveis incentivem o uso seguro da internet (restringindo horário de uso e com ferramentas que bloqueiam páginas perigosas) bem como promovendo um ambiente digital saudável e ensinando as crianças a reconhecer e evitar esses perigos.

Henrique Gomes, pediatra e gastropediatra do Hospital Santa Lúcia de Brasília